***Jornada Mundial dos Pobres!***

***Ponto de partida, para Igreja pobre para os pobres***

***Os pobres não são um problema: são um recurso de que lançar mão para acolher e viver a essência do Evangelho***. Com as palavras que o Papa Francisco conclui a carta por ocasião da Jornada mundial dos Pobres, somos provocados a perguntar, por que a Igreja que professa a fé em Jesus Cristo, o homem que proclamou as bem-aventuranças, que tão claramente demonstrou sua predileção pelos pobres e os critérios para o nosso julgamento em Mateus 25, precisa ser convocada a se solidarizar com os pobres? Teria a Igreja esquecido dos pobres?

**Igreja nasceu pobre com os pobres**

Em sua carta o papa recorda os fundamentos bíblicos da Igreja que nasce pobre, com os pobres e pelos pobres. Jesus se fez pobre com os pobres, os evangelhos estão cheios de relatos de como Jesus realizou sua missão, especialmente, junto aos pobres. As primeiras comunidades seguindo o exemplo do Mestre, tinham tudo em comum e assistiam umas às outras na caridade fraterna, como a coleta que Paulo organizou em favor da comunidade de Jerusalém. Também, na história de Igreja muitos santos e santas viveram essa opção fundamental pelos pobres, fazendo-se pobres. O Papa recorda o santo de Assis, São Francisco, referência em seu papado, como modelo da radicalidade daqueles que entenderam a essência da mensagem de Jesus, bem-aventurados os pobres... para mostrar como a Igreja deve assumir em sua vida a escolha de Jesus pelos pobres.

Na Igreja da América-latina e Caribe, em especial no Brasil, as CEBs – comunidades eclesiais de base – resgataram um modelo das primeiras comunidades. Promovendo a libertação com o pobre como sujeito e protagonista e não como um mero destinatário da ação caritativa de outros. A teologia da libertação, que retoma as mais genuínas fontes bíblicas, reconhece a ação de Deus que escuta o clamor do seu povo e que suscita profetas, profetizas, sacerdotes, sacerdotisas, patriarcas e matriarcas para guiar, animar e acompanhar seu Povo para libertação, para o Reino de Deus.

**Situações que legitimam e geram a pobreza**

Ao denunciar o centralismo institucional, o autoreferencialismo, a alfandega pastoral, carreirismo e clericalismo, mas que posturas ou posições ideológicas o Papa aponta um desvirtuamento da própria identidade da Igreja, pois a essência da vida cristã era outra: «***Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um***» (At 2, 45). Jesus realizou em sua vida a opção preferencial pelos pobres, da qual a Igreja é chamada a ser continuadora. Quando absolutizamos a instituição em detrimento das pessoas, em especial os pobres, se desvia das opções de Jesus, «***o sábado foi feito para o homem, não o homem para o sábado***». Jesus denunciou o desvio do templo, que havia ser tornado uma casa de comércio, viveu uma vida pobre ao lado dos pobres e se solidarizou com seus sofrimentos. Assim a fidelidade da Igreja, como continuadora da obra de Jesus, consiste em tomar as mesmas posturas que Ele tomou, em ser pobre, amar os pobres e servir os pobres, lutando por sua libertação e anunciando a esperança do Reino de Deus, que para eles se destina em primeiro lugar.

No Brasil, depois de significativos avanços no combate da fome e de outras faces da pobreza, assistimos nos últimos anos um retrocesso alarmante nas políticas sociais de combate à pobreza e desigualdade social. Os avanços que estruturaram políticas públicas que nasceram de inciativas não governamentais como a Pastoral da criança, Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida – de Betinho – até então assumidas como governamentais vendo sendo sucateadas e abandonadas, fazendo o fantasma da fome rondar de novo nosso país. Mais escandaloso nesse quadro é quando se constata que os ricos estão cada vez mais ricos, assim a riqueza é, tantas vezes, uma realidade imoral e pecaminosa. Esse retrocesso é a ponta do iceberg de terríveis males que causam os pecados sociais e institucionalizados que existem em nossa sociedade. Quando os políticos, como os religiosos que Jesus enfrentou, pervertem o papel da política – política para o próprio benefício e não para o bem comum.

No âmbito pessoal também estão presentes atitudes de urgem conversão. O desperdício e a ecologia. Duas realidades amplas e complexas, mas que podem ser transformadas desde a conversão de pequenos gestos de cada pessoa. São inúmeros os estudos que demonstram, que o simples gesto de evitar o desperdício de alimentos poderia resolver o problema da fome no mundo, ou seja, o que cada um desperdiça está privando outras pessoas de um direto fundamental, o de se alimentar. A Ecologia: o Papa Francisco em ***Laudato Si*** insiste que tomemos consciência de que o planeta é nossa casa comum, que toda a criação está intimamente ligada e, portanto, a destruição de uns implica, necessariamente, na destruição dos outros. Não podemos explorar, consumir e extinguir a natureza sem considerar que isso trará consequência para todas as formas de vida, inclusive a humana.

**Não amemos com palavras, mas com obras**

Somos chamados a ser uma Igreja pobre para os pobres. Livres para ser discípulos missionários de Jesus, nos liberando das estruturas que tantas vezes se convertem em obstáculos para missão: ***Não leveis bolsa, túnica, cajado, dinheiro...*** Ser pobre é ser mais livre. E ser uma Igreja para os pobres não é criar um departamento, uma área ou algumas inciativas esporádicas para oferecer alguma coisa para aliviar, mais nossa consciência, do que verdadeiramente enfrentar as causas da pobreza. O próprio Papa adverte que a Jornada Mundial dos Pobres não é um ponto de chegada, mas um ponto de partida para devolver a Igreja essa característica fundamental de sua missão: ¨***Não pensemos nos pobres apenas como destinatários duma boa obra de voluntariado, que se pratica uma vez por semana, ou, menos ainda, de gestos improvisados de boa vontade para pôr a consciência em paz. Estas experiências, embora válidas e úteis a fim de sensibilizar para as necessidades de tantos irmãos e para as injustiças que frequentemente são a sua causa, deveriam abrir a um verdadeiro encontro com os pobres e dar lugar a uma partilha que se torne estilo de vida¨***. É preciso assumir os pobres como Jesus assumiu. Como Madre Tereza, Gandhi, Betinho e nos dias de hoje tantos profetas e pastores. Penso que buscando exemplos de como não fazer dos pobres um tema, entre outras tantas atividades eclesiais, poderíamos tomar o exemplo do Padre Júlio Lancelotti, que no meio da complexidade da maior cidade do Brasil, São Paulo, que tem uma multidão de moradores de rua, uma das faces mais duras da pobreza hoje e oferece um azeite para as feridas, um pouco de alimento e cuidado para esses irmãos e irmãs caídos a beira do caminho. Oferece não um resíduo de farinata, do que está se perdendo ou sobrando, mas o seu melhor, tudo que tem, sua própria vida. Entendendo a profundidade da provocação do Papa Francisco, fica fácil ver muitas iniciativas que se reduzem a tratar o pobre como objeto de uma ação isolada, de dar o que sobra, que está para se perder e de vez em quando. Mas são pouco como Padre Júlio que expressam essa radicalidade que conclama o Papa, de dar o que eles precisam, fazer-se um de eles. Oxalá outros de nós possamos assumir esse desafiador imperativo do Evangelho de Jesus, que possamos proclamar mais vezes entre nós, os cristãos: ***¨benditas as mãos que se abrem para acolher os pobres e socorrê-los: são mãos que levam esperança. Benditas as mãos que superam toda a barreira de cultura, religião e nacionalidade, derramando óleo de consolação nas chagas da humanidade. Benditas as mãos que se abrem sem pedir nada em troca, sem «se» nem «mas», nem «talvez»: são mãos que fazem descer sobre os irmãos a bênção de Deus¨***.

Fabio Antunes do Nascimento

fabiopjms@hotmail.com

fonte: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20170613_messaggio-i-giornatamondiale-poveri-2017.html>